

APRESENTAÇÃO

O número 48 da *O que nos faz pensar* vem a público com a satisfação de apresentar uma série de artigos que alia qualidade e diversidade. Esta diversidade atesta a vitalidade do atual pensamento filosófico nacional, capaz de pesquisas especializadas na tradição dos grandes autores canônicos, de interrogações políticas incisivas e de investigações sobre temas urgentes de nossa época. Deste modo, a leitura dos artigos que se seguem deve proporcionar a satisfação da pluralidade de direções inerentes à reflexão acadêmica.

Tanto é assim que o arco histórico coberto pelos artigos vai desde as origens da filosofia ocidental até a atual crise ambiental do nosso planeta. Quanto ao primeiro assunto, Rodolfo José Rocha Rachid, em “Para além da dialética: entre o logos e o sagrado”, analisa os diálogos de Platão tendo em vista sua relação com a mitologia e a racionalidade, bem como seu embate com a tragédia grega. Quanto ao segundo ponto, Alyne Costa e Ádamo da Veiga, em “O acontecimento da Terra”, tomam a filosofia de Gilles Deleuze para pensar o que é o colapso ecológico global. São o primeiro e último artigos deste número.

Entre eles, uma sequência de reflexões pujantes. O segundo artigo, de André Alonso, enfoca a “Reapropriação do tempo e do eu na carta 1 de Sêneca”. O terceiro discorre sobre “O ceticismo de René Descartes na leitura de Thomas Reidy”, de autoria de Vinicius França Freitas. O quarto, de Luiz Philipe de Caux, trata de “Hegel e o problema da técnica”. E o quinto, de Dax de Moraes, é uma reflexão sobre “O prazo estético em Schopenhauer: entre o dito e o não-dito”. Temos, assim, uma série de temas sendo investigados em diferentes autores até o final da época moderna: o tempo e o eu em Sêneca; o ceticismo em Descartes; a técnica em Hegel; a estética em Schopenhauer. Para completar esta sequência com uma abordagem sobre a arte, há o artigo “O pé de Franhofer: ichnografia e diagrama na *Belle Noiseuse* de Balzac”, no qual Luiz Roberto Takayama toma de empréstimo as categorias de Deleuze para analisar a novela *A obra prima ignorada*.

Chegando cronologicamente ao século XX, temos uma amostra multifacetada de textos. Rogério Passos Severo e Guilherme Gráf Schüller escreveram “Sobre as razões de Quine para a indeterminação da tradução holofrástica”. Marcelo Norberto abordou “Sartre e a genealogia”. Caio Souto pensou sobre “O vitalismo crítico de Georges Canguilhem”. O espectro de autores e temas, mais uma vez, é amplo: vamos da lógica norte-americana, de Quine; passamos pelo existencialismo francês, de Jean-Paul Sartre; e assim chegamos ao vitalismo, de Canguilhem. E ainda há mais.

Numa direção voltada para a política contemporânea, temos dois artigos: “Foucault, o totalitarismo e o racismo de Estado”, de Helton Adverse; e, na língua inglesa, “Capitalism as religion: a bolstered defense”, de Felipe G. A. Moreira. Os dois textos descrevem, com viés crítico, as relações entre economia e política.

Por fim, este número traz uma resenha e uma tradução. A resenha de Julio Tomé é sobre o livro “Capitalismo e ideologia”, de Thomas Piketty. A tradução, feita por Edgar Lyra, é de “Ciência como assunto e como método”, de John Dewey, cujas reflexões são de uma surpreendente relevância para pensarmos os desafios atuais.

Boa leitura a todas e todos!

Pedro Duarte
Editor